

Uma Manhã Perdida

★★★★★

Gabriela Adamesteanu
Dom Quixote, 19,90€

Uma Manhã Perdida é uma polifonia de memórias que, todas juntas, nos permitem compreender a história da Roménia em grande parte do século XX.

Quando conhecemos Vica Delca, uma mulher de 70 anos que atravessa Bucareste de uma forma pendular em busca de rendimentos para subsistir, imergimos numa espécie de conto realista e trágico. Mas algures a meio do caminho entre a casa de uma irmã e a residência de uma antiga patroa, Gabriela Adamesteanu transforma o seu romance em algo muito mais ambicioso. Vica Delca parece suspender o tempo daquela manhã e usa as suas raízes para ir buscar um conjunto de memórias – sobretudo de protagonistas femininas – que vão evocar as esperanças de três gerações que não se concretizaram porque a história, no caso da Roménia, ocupou-se a transformar os sonhos auspiciosos do período

entre as duas guerras mundiais em pesadelos que se tornaram reais com a chegada da ditadura comunista.

Escrito em 1984, o que impressiona ao ler este romance hoje é que, apesar do comunismo do ditador Ceausescu ter desaparecido em 1989, resistentes como esta Vica continuam a atravessar Bucareste com o mesmo desespero.

Algures em *Uma Manhã Perdida* há uma personagem que garante que “os mistérios da história só a posteridade os poderá desvendar” enquanto espera “que a posteridade mostre tudo aquilo que não conseguimos ver”. É por isso que a escrita de Gabriela Adamesteanu é tão eficaz: arranca num presente, mergulha em passados diversos e projecta um futuro.
Rui Lagartinho



Os Dias de Davanzati

★★★★★

Jay McInerney
Teorema, 21,90€

No lixo encontram-se cascas de banana, restos de arroz, comida já azeda, latas sujas e outros desperdícios. De vez em quando algumas folhas rasgadas. Mais raramente, folhas amarradas com partes de romances, contos, poemas e confissões pessoais, como acontece em *Os Dias de Davanzati*.

Também é raro (esperamos nós) haver um vizinho que começa a vasculhar diariamente o lixo de outro, mesmo que as descobertas literárias entre os desperdícios tenham começado por acaso. É raro sabermos que essa intromissão existe e não a condenarmos. E até ansiarmos por ela, aceitarmos entusiasmados aquele momento em que o vizinho de baixo, o narrador, resgata mais

uma folha e traça mais um bocado da identidade de Davanzati, escritor falhado, velho solitário, atraente como uma mulher feia que às vezes parece bonita e autor de uma biografia involuntária feita entre a ficção e a realidade e gravada em folhas sujas de borrões de café que se acumulam em gaveta alheia.

O lixo não só como veículo mas também como mensagem daquilo que cai no vazio, como a vida que se revela nas folhas, e como símbolo dos despojos sem sentido que vamos deixando. A reflexão sobre literatura, sobre a possibilidade de escrever para ninguém ou o efeito reformador de tudo o que fica gravado em papel. E a narrativa a duas vozes, ou mais – do

narrador, de Davanzati, das suas personagens –, como mais uma exibição descarada da força gentil da escrita do autor do tremendo *Somos o Esquecimento Que Seremos*.
Catarina Homem Marques





Caríssimas 40 Canções – Sérgio Godinho e as canções dos outros



Sérgio Godinho

★★★★★
Sérgio Godinho
(ilustrações de Nuno Saraiva)
Abyssmo, 20€

A convite do *Expresso*, Sérgio Godinho preencheu durante vários meses uma pequena coluna no suplemento de cultura do jornal dedicada às canções da sua vida, que a editora Abyssmo agora decidiu reunir em livro, em versão revista e aumentada.

E, por uma vez, ponha-se de lado o ditado que aconselha a não julgar um livro pela capa: não só este livro merece ser julgado pela capa e pelo trabalho gráfico, como as ilustrações de Nuno Saraiva a três cores (branco, preto e amarelo), conjugadas com o fantástico trabalho de design de Elisabete Gomes (da Silvadesigners), são a grande mais-valia do projecto, e a única justificação realmente boa para largar uma nota de 20 euros para o levar para casa.

Significa isto que os 40 pequenos textos de Sérgio Godinho são maus? Não, mas são indiferentes. Se uma qualquer outra pessoa que não se chamasse Sérgio Godinho



escrevesse algo semelhante sobre as canções da sua vida elas nunca chegariam a livro, e é sempre uma pena quando a validade de um texto está dependente não do seu conteúdo mas de quem o assina.

A escolha das canções feita por Godinho é canónica, o que permite pelo menos ao leitor identificar-se com a selecção: Bob Dylan, José Afonso, Amália, Beatles, Brel, Caetano, Chico, Fausto, Jorge Palma, José Mário Branco, está lá tudo. Mas claro: está lá tudo o que se espera e muito pouco do que não se espera. E essa previsibilidade é mais uma das razões porque o livro coxeia tanto sempre que os desenhos acabam e as letras começam. *João Miguel Tavares*



Anna Karina